

Tendências/Debates

Os artigos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

O tumulto da Constituição

ROBERTO D'ÁVILA

Um socialista do século passado, Ferdinand Lassalle, dizia que, em essência, a Constituição é a soma dos fatores reais do poder que regem um país. Não resta dúvida que o processo constituinte que está se incluindo espelhou esta realidade, produzindo um texto final que merece respeito, resguardadas as observações de caráter ideológico que podem ser feitas a esquerda e a direita.

De início, a opção por não adotar um projeto previamente elaborado por alguns homens iluminados, permitiu a participação de todos os constituintes, além de agregar variados setores representativos da sociedade civil, com o intuito de mexer no tecido social até as suas entranhas. O procedimento adotado permitiu que a discussão ultrapassasse as elites, incorporando vozes excluídas, que trariam propostas novas para serem debatidas incessantemente.

Ressalta-se, ainda, que o papel da imprensa no processo constituinte em si trouxe os grandes debates e questões nacionais para dentro de nossas casas, popularizando noções e conceitos restritos aos juristas e políticos. Democratizou-se as informações com respeito ao conteúdo da Lei Maior, de maneira a permitir que os setores mais progressistas pudessem levar adiante as suas

bandeiras, que passaram a ter chances de vitória.

Embaralhado neste contexto, o país passou a ver também o funcionamento do grupo de lobby, onde muitos deles agiam institucionalmente. O mais pesado vinha do próprio governo, que pressionava os congressistas e a nação para aprovar o mandato de cinco anos para o atual presidente da República. Por vários meses as atenções foram desviadas, vez que as únicas coisas que importavam eram a aritmética planaltina e o jogo de cena de seus representantes. Pela direita, a UDR mostrava a importância da organização política surpreendendo e superando a Fiesp e a burguesia urbana, industrial e financeira. Com métodos autônomos, a máquina da UDR fez aprovar uma atrasada proposta para o setor agrário, sepultando as possibilidades de uma reforma arrojada e moderna. O latifúndio manteve o seu secular domínio. Talvez tenha sido a maior derrota do povo brasileiro neste congresso, já que dificultou sobremaneira uma redefinição na política de terras, política esta que seria fundamental para reordenar o desigual desenvolvimento social econômico que a ditadura terminou de sedimentar.

Por outro lado, a lucidez mínima que tínhamos obrigação de demonstrar colocou o país nos trilhos do

século 20, preparando-o para o futuro. Devolvemos as prerrogativas do Congresso Nacional, o Poder Judiciário engrandeceu e o Executivo foi podado de forma a criar um reequilíbrio de poderes através de denso sistema de freios e contrapesos. Introduzindo diversas novidades no título referente aos direitos e garantias fundamentais (habeas-data, mandado de injunção, mandado de segurança coletiva etc.), permitindo que o cidadão venha a se municiar de mecanismos capazes de protegê-lo, fazendo nascer um sentido de cidadania inédito para a América Latina. Direitos sociais foram associados traçando uma nova relação empregador empregado, o que obrigará a empresa a se modernizar, os Estados e municípios recuperaram posições perdidas com a reforma tributária, diminuindo os encargos da União.

É óbvio que não realizamos nenhum milagre. Simplesmente, colocamos as regras do jogo político dentro da vida de cada um. Agora, a democracia, formal, direta e representativa, é que brilhará. Não importa que o texto que passará a reger nossos passos não seja perfeito. Nem poderia ser. Se o país está confuso se a sociedade é complexa, se camadas e classes antagônicas se degladiam, se ninguém tem a hegemonia completa do processo político, como poderíamos ter a Constituição

simples, linear? Ela, a Constituição, deve, portanto, expressar os nossos "fatores reais do poder".

A beleza da luta dialética que sustenta a Democracia passa a conduzir o sistema. A valorização da política chama a todos para o centro de uma arena com um recado cristalino: conversem, negociem, façam política. Os conservadores dirão que agora o país está ingovernável; tentarão derrubar os avanços alcançados da forma canhestra que conhecemos. Nós os progressistas, queremos consolidar os avanços, aumentar a tábua de direitos do cidadão, e apostar na capacidade do povo brasileiro. O seu programa será o nosso. Erradicar a miséria (aliás, princípio fundamental da nova Constituição) e erguer uma sociedade solidária e justa. Fizemos a Constituição possível mas não estamos satisfeitos com o país tal qual ele é.

Por fim, a quem se impressionou com o processo constituinte ou esteve quase sempre contra os seus trabalhos, poderia se lembrar a velha frase de Saint-Just que asseverava que não há nada melhor para o fortalecimento da liberdade que o tumulto proporcionado por uma Assembleia Nacional Constituinte.